

CORRIDAS DE CAVALO EM CANCHA RETA EM PORTO ALEGRE (1852/1877): UMA PRÁTICA CULTURAL-ESPORTIVA SUL-RIO-GRANDENSE

STRAIGHT LINE HORSE RACES IN PORTO ALEGRE (1852/1877): A SPORTIVE-CULTURAL PRACTICE FROM RIO GRANDE DO SUL

Ester Liberato Pereira^{*}
Janice Zarpellon Mazo^{**}
Vanessa Bellani Lyra^{***}

RESUMO

O presente estudo objetivou identificar como se constituiu a prática das corridas de cavalo em cancha reta, na cidade de Porto Alegre, na segunda metade do século XIX. Foi realizada uma coleta de dados em fontes impressas, como o catálogo da Revista do Globo, acervo e obra comemorativa do *Jockey Club* do Rio Grande do Sul. A cidade, na segunda metade do século XIX, apresentava um cenário de desenvolvimento urbano. Neste contexto buscava-se incentivar uma antiga paixão dos gaúchos: as corridas de cavalos. Antes mesmo da inauguração do primeiro prado, muitas disputas ocorriam nas periferias de Porto Alegre. Conforme foram sendo criados os prados, as corridas de *carreiras* começaram a perder espaço na cidade. As *carreiras de cancha reta*, possivelmente, constituem uma prática esportiva equestre capaz de evidenciar um desenvolvimento das corridas de cavalos simultâneo ao paulatino, porém constante processo de modernização da cidade e de sua população.

Palavras-chave: Esporte. História. Corridas de Cavalo.

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata das corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, as quais constituíam a prática esportiva e o jogo preferencial dos homens que viviam nos campos gaúchos. Segundo Golin (2004, p. 82), tais disputas, conhecidas como *carreiras de cancha reta*, faziam parte de negócios que envolviam significativos montantes em dinheiro e, simultaneamente, das brincadeiras típicas regionais do Rio Grande do Sul. Já Rozano e Fonseca (2005, p. 34) acrescentam à definição para *carreiras de cancha reta* o fato de estas ocorrerem em pistas retas, sob a medida de quadras, em cancha capinada, ou seja, num solo sem vegetação. Ainda de acordo com os autores, tais disputas se configuraram como a forma de lazer mais bem-reconhecida que o Rio Grande do Sul possuiu durante muito tempo, encontrando seus principais fatores de sucesso

nas numerosas apostas e no massivo público que as prestigiava.

A apreciação do gaúcho pelo cavalo remonta à formação do Rio Grande do Sul enquanto Estado, encontrando-se este admirável animal sempre em cumplicidade com o homem, em tempos de guerra ou de paz (DREYS, 1990, p. 123). Caracterizado como arrojado e amante do jogo e da bebida, o gaúcho “faz uma espécie de simbiose com o cavalo com o qual se desloca pelo pampa, com velocidade e destreza” (PESAVENTO, 2003, p. 213). Neste sentido, Rozano e Fonseca (2005, p. 34) atentam para o fato de que o cavalo já estava presente nos campos gaúchos desde o ano de 1737, ou seja, antes mesmo da fundação oficial da primeira povoação portuguesa na capitania do Sul. Importa destacar ainda que a definição desse território de fronteiras como propriedade brasileira está relacionada ao fato de que homens, montados a cavalo, ocuparam e

* Mestranda em Ciências do Movimento Humano Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

** Professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*** Doutoranda em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

defenderam tal espaço ao longo de muitas batalhas.

Destarte, o cavalo fez parte da história do Rio Grande do Sul durante suas diversas fases de ocupação, colonização e crescimento econômico. Já nos tempos de paz, as cavalhadas e corridas de cavalo se transformavam em oportunidades de diversão e entretenimento dos gaúchos. Atualmente, as canchas de *carreira* praticamente desapareceram, restando destas alguns poucos exemplares localizados em determinadas cidades do Interior do Estado, como Bagé, por exemplo.

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa é identificar como se constituiu a prática das corridas de cavalo em cancha reta, na cidade de Porto Alegre, na segunda metade do século XIX. O referido recorte temporal apoia-se nos primeiros registros de corridas de cavalo em cancha reta na periferia da capital do Estado, Porto Alegre, sucedidos, segundo Rozano e Fonseca (2005, p.36), no ano de 1852. Assim, precisar as primeiras ocorrências de tal prática no Rio Grande do Sul constitui uma tarefa árdua, visto que, como anteriormente descrito, a tradição das disputas a cavalo no Estado existe desde a chegada dos primeiros animais. O recorte da pesquisa estende-se até 1877, quando é inaugurado o primeiro hipódromo em Porto Alegre, o Hipódromo Porto-Alegrense, mais tarde denominado de Hipódromo Boa Vista, o qual alterou significativamente as características e o contexto das corridas de cavalo dessa cidade. A partir de então, refere Bissón (2008, p. 21) que as pistas passaram a apresentar um formato circular/elíptico, permitindo a participação de vários competidores simultaneamente.

Faz-se importante esclarecer que, segundo Melo e Maia (2006, p. 365), *hipódromos* são os locais adequados para a prática do turfe, constituídos, em sua maioria, por uma pista oval ou quadrangular que pode apresentar diferentes dimensões e formatos. No mesmo passo, fazem parte dos hipódromos as arquibancadas o local de encilhamento dos cavalos e as casas de apostas (MELO, 2007a, p. 83). Além destas, há também estruturas que sustentam a parte de convívio social, compostas por bares e/ou restaurantes. O referido autor ainda destaca que, no Brasil, os hipódromos foram as primeiras

instalações especificamente dedicadas a tal prática esportiva.

É interessante destacarmos também o fato de que Melo (2007b, p. 131) adota o termo *prado* de maneira intercambiável e equivalente a *hipódromo*. Ao consultarem-se dicionários da língua portuguesa, também se pôde encontrar a definição e o emprego de ambos os termos, com sentidos sinônimos. Não obstante, com o intuito de unificar a linguagem ao longo da pesquisa, será adotada a terminologia *prado*, uma vez que, nas fontes consultadas, este foi o termo de utilização mais recorrente. Bissón (2008, p. 21) destaca que a adoção do termo *prado* teve como causa as amplas áreas verdes onde eram construídos os hipódromos que apresentavam o novo formato circular/elíptico; no entanto, importa salientarmos que as citações literais de fontes impressas salvaguardaram os termos que nestas foram empregados (hipódromo e prado).

O advento das corridas em pistas circulares ou elípticas passou a exigir locais mais adequados para o público. Rozano e Fonseca (2005, p. 37) destacam o fato de que, em razão de as corridas de cavalos se tornarem espetáculos ainda mais emocionantes, houve, na mesma medida, um aumento no número de espectadores seduzidos pelos encantos desta atividade. Se a partir disso surgiram vários prados na cidade, movimentando um montante considerável de lucros, era necessário investir na fundação de um prado que, além de uma vistosa pista, comportasse a estrutura de uma arquibancada. Vale ressaltar que todos os prados implantados em Porto Alegre no final do século XIX pertenciam a associações anônimas, as quais também tinham como meta lucros mercantis.

Inscrevendo-se este trabalho nas dimensões de um estudo histórico, procurou-se contemplar o objetivo apresentado através de uma coleta de dados que privilegiou o contato com fontes impressas. Foram utilizados livros que retratassem a história de Porto Alegre, bem como a história e a evolução das corridas de cavalo nesta cidade. É necessário destacar a consulta realizada junto ao acervo do *Jockey Club* do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, bem como a obra comemorativa a essa associação, organizada por Rozano e Fonseca (2005), a qual contribuiu significativamente para

a pesquisa. Também o Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul (1947) e o Catálogo da Revista do Globo (publicada entre 1929 e 1967) organizado por Mazo (2004) foram importantes fontes de consulta. Após a localização de tais fontes, estas foram submetidas a um processo avaliativo, a fim de determinar sua forma e autenticidade e também sua consistência e precisão. As informações coletadas serão submetidas à análise documental, que, segundo Bardin (2000), consiste em realizar operações de desmembramento do texto em unidades de significado, buscando desvendar seus diferentes sentidos e, posteriormente, a partir da análise dos dados, reagrupá-los e construir categorias norteadoras da pesquisa.

Por meio da presente pesquisa procura-se mais do que recuperar a memória dos primórdios das corridas de cavalo no cotidiano porto-alegrense e identificar as origens da prática esportiva equestre nesta cidade. Espera-se contribuir para a construção de um mapeamento histórico-cultural dos esportes equestres no Rio Grande do Sul, analisando a influência da prática das corridas de cavalo para os aspectos socioculturais de Porto Alegre, ao longo de seu processo histórico, uma vez que a presente pesquisa é parte integrante de um projeto mais amplo, denominado "Esporte e Educação Física no Rio Grande do Sul: estudos históricos". Tal pesquisa, por sua vez, associa-se aos estudos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física, institucionalizado na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A seguir a pesquisa assumirá a seguinte divisão: *Panorama de Porto Alegre na segunda metade do século XIX*, tratando do contexto sociopolítico-econômico da cidade; *Carreiras de cancha reta: prática preferencial dos gaúchos que viviam nos campos*, discorrendo sobre aspectos que caracterizam tal prática; *Carreiras de cancha reta: primórdios das corridas de cavalos em Porto Alegre*, retratando as particularidades do cenário desta prática na cidade.

PANORAMA DE PORTO ALEGRE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Ao contrário da primeira metade do século XIX, quando ocorria a incipiente fase de

formação da cidade, Staudt (2007, p. 2) destaca que, durante o período da segunda metade desse mesmo século, Porto Alegre apresentava uma realidade muito peculiar, devido ao pleno processo de desenvolvimento urbano em que se encontrava. O advento do progresso deixou marcas no traçado da cidade: neste período, as transformações econômicas e estéticas iniciaram a elevação da cidade à condição de metrópole.

Inicialmente, os principais arrabaldes, que hoje conhecemos por *bairros*, eram conectados por estradas, pelas quais passavam carretas e carroças, que conferiam à cidade um aspecto rural. Os eixos da formação destes arraiais haviam sido os caminhos abertos entre chácaras, a partir de 1845 (JÁ EDITORES, 1997), porém, entando, por volta da metade do século XIX, esse quadro passa a ser alterado com o início da povoação destes arrabaldes, os quais passaram ao *status* de bairros, sendo a estes incorporadas novas ruas, melhorando o acesso e a mobilidade da população por entre as distintas regiões de Porto Alegre.

Durante todo o século XIX, o que predominara em termos de práticas entre os porto-alegrenses foram atividades lúdicas em recinto fechado: o teatro, a música, o baile, o recitativo, os bilhares e a antiga paixão ibérica do carteadado. A população da pequena cidade de Porto Alegre, limitada por morros e por ruas estreitas, restringia-se a divertimentos urbanos, permanecendo a maior parte do tempo no interior de suas casas. A exceção ficava por conta dos imigrantes alemães e de seus descendentes, que se mostravam afeitos à ginástica e ao tiro ao alvo, e, posteriormente, ao remo. De meados do século XIX até a virada para o século XX, no que se refere ao lazer e às diversões ao ar livre, só há registros da presença do antigo costume gaúcho das *carreiras de cancha reta*. Tal forma de manifestação esportiva é, assim, condizente com a estrutura rural predominante da cidade, como anteriormente exposto a partir das ideias de Rozano e Fonseca (2005, p. 17).

Finda a Guerra dos Farrapos (1835-1845), pôde-se perceber um novo período de reconstrução em todo o Rio Grande do Sul. Porto Alegre, a capital, parte para um período de significativa expansão dos negócios, sendo os efeitos de tal crescimento visíveis em todas as

suas dimensões: a arquitetura colonial, paulatinamente, perde espaço para o estilo neoclássico; o Teatro São Pedro é inaugurado; os primeiros bairros passam a existir; o telégrafo chega à cidade e o primeiro banco abre suas portas (JÁ EDITORES, 1997). Os aterros que desfalcam o espaço do Rio Guaíba também são iniciados e, em contrapartida, a população central passa a ser provida de água encanada pela primeira vez.

Ainda que atravessado pelos impulsos do desenvolvimento e pelas melhorias urbanas, buscava-se, neste cenário, uma maneira de conciliar a antiga paixão dos gaúchos: as corridas de cavalo. Rozano e Fonseca (2005, p. 36) referem que antes mesmo da inauguração do primeiro prado em Porto Alegre, muitas disputas ocorriam em trechos de estradas que davam acesso à cidade, ou seja, nas periferias ou mesmo em alguma várzea.

Os autores destacam que já em 1873 os bondes puxados a burro, introduzidos pela Companhia Carris Porto-Alegrense, começaram a alterar os aspectos geográficos e os hábitos citadinos, ainda que a abrangência de seu atendimento fosse restrita a alguns bairros. Em 1891, uma empresa concorrente, a Carris Urbanos, inicia suas operações estabelecendo linhas para bairros com escasso número de habitantes, até então desprovidos de transporte coletivo.

Com o novo quadro viário da cidade e a transição da nomenclatura dos *arraiais/arrabaldes* para *bairros*, foram criadas as condições para o surgimento dos prados, mais ao final do século XIX. Tais prados aprimoravam, com pistas circulares ou elípticas, as antigas *carreiras de cancha reta*. Ainda nesse período, Rozano e Fonseca (2005, p. 21) mencionam que Porto Alegre já contava com dois velódromos, ou seja, equipamentos para a prática do ciclismo. Esta prática, por sua vez, era realizada pelos clubes que cultivavam as corridas de bicicleta.

Conforme Noal Filho e Franco (2004, p. 188), nesse período a cidade possuía linhas ferroviárias e de navegação a vapor, bonde de tração animal, teatro, jornais, enfim tudo o que caracterizava uma cidade grande, portadora de um futuro promissor. Segundo os autores, o viajante belga A. Baguet, em visita à capital

gaúcha durante a segunda metade do século XIX, elogia a iniciativa do Conde de Caxias, então governador do Estado do Rio Grande do Sul, no que se refere à higienização e ao afastamento dos cemitérios do centro da cidade. Entre outros fatores, como o aumento das estratégias que visavam a uma elevação do nível de cultura intelectual, tal medida demonstrava a chegada da modernização a Porto Alegre. Rozano e Fonseca (2005, p. 17) destacam a fundação de algumas exemplares instituições de ensino superior em Porto Alegre, como as de Engenharia, Farmácia, Medicina e Direito, ainda nos últimos anos do século XIX.

Antônio Lopes Mendes, médico português que passou por Porto Alegre em 1882, é lembrado por Noal Filho e Franco (2004, p. 196) ao destacar diferentes melhorias no referido cenário urbano. Como exemplo, o médico atentou para o fato de as ruas da capital serem largas e calçadas, dispostas ordenadamente, iluminadas a gás e com amplas lojas de comércio nas vias principais. Suas praças arborizadas e com chafarizes monumentais que abasteciam a cidade com água potável, proveniente do arroio denominado Dilúvio, também chamaram a atenção do médico. Ainda com relação a evidências de progresso, os autores acrescentam que havia linhas de bonde sendo estendidas, casas novas na parte central e na periferia, muitas das quais já com mais de um pavimento, casas de negócios e fábricas sendo construídas. Enfim, Porto Alegre atravessava uma fase de crescimento notável.

Como dito, Staudt (2007) alerta para o fato de que a partir da segunda metade do século XIX o espaço urbano começa a despertar a atenção com o comércio, meios de transporte, melhorias urbanas, entre outros aspectos. Tais características evidenciam não simplesmente a expansão de Porto Alegre, mas a mudança de costumes citadinos, estes considerados os primórdios de um comportamento moderno e civilizado.

CARREIRAS DE CANCHA RETA: PRÁTICA PREFERENCIAL DOS GAÚCHOS QUE VIVIAM NOS CAMPOS

O cavalo e o gaúcho sempre estiveram associados, independentemente de os tempos

serem de paz ou de guerra. Presente na vida campesina ou nos rodeios, servindo como montaria ou puxando charretes, o cavalo era um símbolo da identidade rural dos pampas (MAZO, 2003) segundo NUNES e NUNES, 1994, p. 112-113, *pampas* são os campos gaúchos cobertos de excelentes pastagens, que servem para criação de gado, principalmente bovino, cavalar e lanígero). A representação do cavalo para a construção da identidade do gaúcho já era evidenciada na obra “Álbum d’O Rio Grande do Sul Sportivo”, organizada por Lemos e Carvalho (1919), na qual são dedicadas 12 páginas a um texto intitulado “O Cavallo”. Ainda são destacados neste texto os criadores de cavalo nas fotografuras, que parecem representar figuras heroicas. A maioria dos criadores de cavalo era constituída de portugueses e luso-brasileiros, fato que pode ser constatado na listagem de nomes relacionados: Pedro Jobim Ferreira Porto, Ramiro Fortes Barcelos e Luiz Manoel de Azevedo. Estes homens eram médicos, militares, conselheiros e industrialistas, que integravam a elite gaúcha ligada à vida rural.

As corridas de cavalo se transformaram nas oportunidades preferenciais de diversão e lazer dos gaúchos. Tais disputas eram realizadas nas tardes de sábado e domingo em diversas cidades do Interior (ROZANO; FONSECA, 2005). As *carreiras de cancha reta* foram cultivadas em diversos pontos de Teutônia (cidade do Interior do Estado do Rio Grande do Sul), conforme pesquisa de Kilpp (2008), principalmente em locais de superfície plana. Havia várias canchas por volta de 1880, época em que a corrida de cavalos era bastante apreciada. A *cancha Pitaluga*, em Uruguaiana (outra cidade do Interior do Estado), não era a maior da região, mas, provavelmente, a mais popular (AMÁDIO, 2004). Lá não se jogava por brincadeira ou distração, e mesmo as *carreiras* menos importantes eram capazes de movimentar apostas de 250 a 300 mil cruzeiros. Há relatos - ainda segundo Rozano e Fonseca (2005) - de que a tradição das corridas de cavalo no Rio Grande do Sul existe desde a chegada dos primeiros animais. Constituíam uma prática comum entre os cavaleiros, soldados, regulares ou de piquetes, peões ou mesmo índios

missioneiros, a disputa para ver quem era o mais veloz sobre o cavalo.

As disputas em campo passaram a permitir a presença de espectadores. Estes eram compostos por grande parcela da população masculina gaúcha, independentemente da condição social (BISSÓN, 2008). Assim, surgiram as *carreiras de cancha reta*, disputas em pistas retas, sob a medida de quadras, em uma cancha com o solo sem vegetação, ou seja, capinada, com a terra plana e pequenas e estreitas raiais. Eram muitas vezes improvisadas, com a participação de cavalos sem raça.

As canchas possuíam metragens de 300, 400 ou 500 metros (KILPP, 2008), ou seja, cerca de duas, três ou até quatro quadras, respectivamente, já que uma quadra equivalia a 128 metros (ROZANO; FONSECA, 2005). Já Golin (2004) afirma que os *carreiristas* sempre preferiam uma cancha reta com uma metragem não muito longa, com um percurso de aproximadamente 260 a 400 metros, ou duas a três quadras no máximo. Bento (2002, p. 17) destaca que, mesmo depois da instituição do sistema métrico pela Lei n.º 1157, em 1862, as corridas de cavalo ainda foram, por muitos anos, realizadas por quadras ou voltas. Tais disputas se configuraram como a forma de lazer mais prestigiada do Estado durante muito tempo, tendo um significativo montante de apostas entre o público que assistia. As *carreiras* representavam para o gaúcho uma expectativa diária e uma preocupação constante (AMÁDIO, 2004).

Como bem retrata Golin (2004, p. 82), os ginetes se desafiavam em pleno campo. Frequentemente, as corridas ocorriam no retorno das atividades campeiras diárias, com o intuito de descobrir quem possuía o cavalo mais veloz; mas geralmente as *carreiras* eram *atadas*, ou seja, combinadas, para datas específicas, mais comumente reservadas aos domingos. Nos *pagos* ou *povoados*, segundo Nunes e Nunes (1994, p. 111), só se ouvia falar das *carreiras de cancha reta*. Nas estâncias, nos galpões, nos ranchos e *bolichos*, *que*, de acordo com Nunes e Nunes (1994, p. 26), eram casas de negócio de pequeno surtimento e pouca importância, o assunto era o mesmo.

As *carreiras de cancha reta*, uma tradição sul-rio-grandense, significavam para o gaúcho o

mesmo que o golfe para os ingleses (AMÁDIO, 2004). As disputas só eram canceladas em caso de chuva muito forte aos domingos. Para Prado Júnior (1996, p. 207), as “*carreiras* de cavalos - o grande esporte dos pampas” - eram uma tradição popular no âmbito de uma suposta *cultura nativa*.

Inicialmente, as *carreiras* eram disputadas com os cavalos próprios para o trabalho, os chamados *crioulos*. Estes equinos, de origem ibérica, possuíam grande predominância de sangue árabe (GOLIN, 2004). Com o passar dos séculos estes animais foram apurados e acabaram por ser definidos como uma raça específica do Cone Sul (nome comumente relacionado à parte meridional da América do Sul) e muito valorizada nas atividades de pastoreio.

Às vésperas das *carreiras* os comentários permaneciam em torno dos *parelheiros* que estavam por vir, dos gaúchos de outras zonas e da própria onde ocorreria a disputa, e, enfim, do grande público que estaria presente (GONÇALVES, 1999). De acordo com Nunes e Nunes (1994, p. 14), *parelheiros* eram cavalos preparados para a disputa de *carreiras* entre dois animais, *ou seja*, em *parelhas*. Antecedendo as corridas, presenciava-se um significativo movimento de pessoas deslocando-se até o local, a pé e a cavalo. A realização das *carreiras* representava um momento de reunião social e festiva em que as mulheres eram encarregadas da organização dos piqueniques (MAZO, 2003).

Pode-se supor que tais disputas constituíam um verdadeiro evento para a localidade onde ocorriam: os fazendeiros que traziam seus *parelheiros* acampavam distante da cancha, onde faziam assados e reuniam os amigos e parceiros (GONÇALVES, 1999); ouviam-se trovas e toques de acordeom durante quase toda a madrugada; carroças com quitandas chegavam de todos os lugares. Um caminhão com caixas de bebidas e gelo armava suas tendas e barracas, onde seriam realizadas jogatinas e a venda de bebidas. Em carroças já desprendidas dos animais e instaladas sob toldos improvisados vendiam-se também carne de gado, linguiça e leitão assado. Sonhos e rosquinhas eram fritos e postos à venda, assim como fatias de melancia e arroz-doce, entre outras iguarias. *Guris* (neste caso, Nunes e Nunes, 1994, p. 83, definem *guris*

como os serviçais para trabalhos leves nas estâncias) ofereciam, em balaio, pastéis e doces de leite e de queijo, cobertos com um pano muito alvo e engomado, atestando o asseio e o esmero empregados no preparo de tais especialidades.

O hábito das *carreiras*, com o notável volume de dinheiro envolvido no jogo, transformou-se em uma atividade de negócio (GOLIN, 2004). A paixão de muitos homens pelas *carreiras* provocou a perda de grandes fortunas, rebanhos e até estâncias. Inclusive as próprias mulheres chegavam a ser apostadas pelos gaúchos. Em geral, as canchas retas localizavam-se em propriedades e pertenciam a uma sociedade ou a um indivíduo que a exploravam, recebendo uma significativa porcentagem de todo o dinheiro movimentado nas disputas (AMÁDIO, 2004). Além de envolver apostas em dinheiro, as *carreiras* tinham o objetivo indireto de melhoramento da raça dos animais.

Um problema frequente era o fato de muitas apostas serem feitas “de boca”, isto é, sem registro. Por esse motivo, quando sucedia qualquer confusão na chegada da corrida, o ambiente se tornava tenso e perigoso, com brigas violentas envolvendo inclusive o uso de facões. Tornava-se, assim, necessária a presença de policiamento no local, que se efetivou com o destacamento de um subdelegado e diversos policiais militares. Estes, por sua vez, eram um misto de gaúcho e militar, uma vez que usavam chapéu de aba larga e *bombachas*, que Nunes e Nunes (1994, p. 26) definem como calças muito largas, presas por botões logo acima do tornozelo. Eles vestiam também túnica e talabarte, onde ficavam penduradas as armas. Estas compreendiam um revólver e uma espada mantida em uma larga bainha de metal branco, a qual arrastava no solo quando eles não estavam montados em seus cavalos.

O povo costumava respeitar o policiamento, de forma que dificilmente ocorriam conflitos. Se algum indivíduo bêbado surgisse, logo era retirado do público pelos policiais. Quando a programação ocorria bem, sem desentendimentos, os muitos ganhadores, satisfeitos, comemoravam bebendo e discutindo os fatos e surpresas da tarde que findara.

As corridas de *carreira* apresentavam duas modalidades: disputa de dupla (parelha) ou *penca/califórnia* (três animais ou mais) (KILPP, 2008). Em outras palavras, as disputas poderiam ocorrer entre dois, três ou mais cavalos. Na época, a chegada era comandada por três juízes, dois deles escolhidos por cada proprietário de cavalo e um terceiro nomeado pelo juiz da *carreira*, ou seja, aquele que dava a largada, no caso da disputa de dupla. Este juiz determinava quem havia ganhado e com qual distância: cabeça, pescoço, paleta, ou mesmo por *luz* ou *clarão* (quando o cavalo passava um corpo inteiro na frente). Essas medidas eram todas controladas por balizas exatamente posicionadas para que o juiz visualizasse o vencedor e, ao mesmo tempo, a distância que apresentava dos demais. Na disputa de *penca*, havia um juiz de cada proprietário dos cavalos e o juiz da *carreira* também, totalizando quatro (KILPP, 2008).

Para participar com significativas chances de alcançar uma vitória, era necessário preparar os cavalos de forma adequada (GOLIN, 2004). Sendo assim, duas especialidades surgiram vinculadas às *carreiras*: a do *compositor* e a do *jóquei*. Inclusive atualmente, no Pampa, chama-se o treinador de cavalo de *compositor*. Os alimentos e os exercícios básicos dos animais eram definidos por estes treinadores. O milho e a alfafa fenada eram os alimentos destes cavalos. Os compositores também aplicavam banhos nos animais. Para deixá-los fortes e velozes, os treinadores treinavam “arrancadas” e corridas.

Os *jóqueis* que corriam na cancha reta não usavam fardamento, nem mesmo selim (sela) (AMÁDIO, 2004). Não obstante, Gonçalves (1999) afirma que os gaúchos se preocupavam em manter os cavalos com o melhor aspecto possível, embelezando-os antes de montá-los. Os animais eram apresentados bem *encilhados* - com os arreios colocados no lombo (NUNES; NUNES, 1994) -, enquanto os gaúchos ostentavam as suas vestes típicas: chapéu de abas largas com barbicho trançado, *pala* (poncho leve, feito em geral de brim, vicunha ou seda, de feitiço quadrilátero, com as extremidades franjadas, segundo Nunes e Nunes, 1994, p. 111) e lenço atado nas pontas. Tais informações contraditórias podem ser devidas a um processo de desenvolvimento da prática, sendo as

características mais primitivas típicas dos primórdios desse tipo de corrida.

Não havia impedimento para a população prestigiar as corridas (KILPP, 2008). Independentemente da classe socioeconômica ou da formação, o divertimento era geral. Os prêmios das apostas muitas vezes eram um almoço, um churrasco e até mesmo um animal. Estas reuniões de *carreiras* e jogatinas podiam durar até três dias (GONÇALVES, 1999).

Importa destacar que, com o desenvolvimento das corridas de cavalos e a consequente transição para o turfe, as *carreiras em cancha reta* foram praticamente eliminadas, inclusive pelo fato de não poderem acolher o imenso público que se formou em sua volta, à época (DOIS..., 2004). O turfe, segundo Roessler e Votre (2002), é uma prática esportiva que envolve corridas de velocidade de cavalos. Já Melo (2007a) avança em uma tentativa de definição para *turfe*, apresentando-o não simplesmente como disputa de velocidade a cavalo, mas sim, como corrida de cavalos estruturada e organizada por clubes. O mesmo autor ainda acrescenta que tais corridas, nas quais os cavalos são conduzidos por um *jóquei*, sempre são realizadas em pistas ovais, de grama ou areia (MELO; MAIA, 2006).

CARREIRAS DE CANCHA RETA: PRIMÓDIOS DAS CORRIDAS DE CAVALOS EM PORTO ALEGRE

Após o término da Revolução Farroupilha (1835-1845), pôde-se perceber um novo período de reconstrução em todo o Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, a capital, estava à frente na retomada do desenvolvimento, com a construção de harmoniosos prédios públicos e a realização de melhorias urbanas. Ainda assim, diante de um cenário atravessado pelos ares da modernização, procurava-se uma maneira de conciliar a antiga paixão dos gaúchos: as corridas de cavalo. Nesse sentido, muitas disputas ocorriam em trechos de estradas de acesso à cidade, na periferia ou em alguma várzea, antes mesmo da inauguração do primeiro prado em Porto Alegre. De acordo com ROZANO e FONSECA (2005), já em 1852 há registros de corridas tipo cancha reta no Passo do Feijó, antigo nome de Alvorada, atual

município limítrofe de Porto Alegre (atualmente, Passo do Feijó é o nome de um bairro de Alvorada). Isso indica que as disputas que agradavam aos gaúchos do Interior do Estado ocorriam também em plena capital.

Concordando com essa ideia, Franco (1998) apresenta o fato de que a corrida de cavalos – diversão predileta do campeiro sul-rio-grandense – foi praticada em Porto Alegre desde tempos muitos remotos. O mesmo autor (1998) ainda acrescenta que Aquiles Porto Alegre, em uma de suas crônicas, escreveu sobre esta prática equestre em Porto Alegre, na segunda metade do século XIX. Aquiles relatou que as corridas de cavalo, antes de existirem os prados na cidade, eram realizadas em algum trecho de estrada ou no Campo da Várzea (atual Parque Farroupilha), próximo ao Colégio Militar. Este local parecia ser a cancha preferida, como bem retrata Franco (1998): “Aí se reuniam aos domingos e dias feriados, os moradores dos subúrbios e dos povoados vizinhos, que tinham paixão pelas corridas de cavalos” (FRANCO, 1998, p. 204). O Morro de Teresópolis, no entanto, era o lugar mais conhecido da cidade pelas disputas de carreiras (MACEDO, 1973; FRANCO, 1998).

Pelo que foi referido pode-se perceber que nesse período os gaúchos, mais especificamente os porto-alegrenses, estavam acostumados a cavalos rústicos e canchas retas. Somente em 1856, ano em que foi registrada a primeira importação oficial de um puro-sangue inglês no Rio Grande do Sul, é que se viu chegar o primeiro animal mais nobre e veloz (ROZANO; FONSECA, 2005). Procedentes da Inglaterra, esses animais chegaram a bordo do navio a vapor Avon. Tal iniciativa pertenceu ao veador José Ferreira Porto. A partir desses animais, foram dados os primeiros passos do desenvolvimento e do aperfeiçoamento da criação de cavalos no Estado, transformação que inicialmente foi paulatina, mas que não seria mais interrompida. Esses já eram sinais de que os tempos estavam mudando.

Embora já ocorressem *carreiras de canchas retas* na periferia e, algumas vezes, no Campo da Várzea, mais central, as corridas de cavalo com o novo formato surgido com seu desenvolvimento só se aproximaram de Porto Alegre em 1872, quando foram realizadas algumas breves exposições também no referido

Campo. Nessa data, chegou à cidade o domador capitão Luiz Jacome de Abreu e Souza, que disseminava um novo método de domar potros, algo muito importante naquele tempo. As primeiras apresentações por ele realizadas como domador de cavalos *xucros* (diz-se assim do animal ainda não domado, conforme Nunes e Nunes, 1994, p. 159) ocorreram no pátio do mercado público de Porto Alegre e da Santa Casa de Misericórdia (BENTO, 2002).

Segundo Franco (1998), Luiz Jacome era um apaixonado hipólogo e professor de equitação que pretendia despertar o interesse pela criação do cavalo puro-sangue inglês e, na mesma medida, pelo turfe. Para melhor demonstrar seus conhecimentos, esse professor resolveu realizar uma tarde turfística, empreendimento que, já em sua idealização, enfrentou grandes desânimos e desafios. Além das canchas retas não havia na capital um local onde fosse possível efetuar provas de tal natureza (AMARO JUNIOR, 1947).

Embora resignado, o domador seguiu com seu intento. Decidiu que construiria um prado. Arranjou licença de quem de direito e, com o auxílio de um grupo de abnegados, começou a improvisar uma pista com taquaras e cordas para corridas de cavalos na antiga Várzea, onde tantas iniciativas tiveram já lugar e onde surgiram muitas agremiações esportivas (ROZANO; FONSECA, 2005).

Houve, a princípio, discussão para se saber o tamanho que teria a referida cancha. Luiz Jacome, com sua experiência, convenceu os demais de que a pista deveria ser redonda com um tiro de seis quadras, ou seja, 768 metros. Anunciada a realização das corridas em *pista redonda*, o fato se tornou a nota predominante de todas as conversações, quer nas rodas elegantes, quer nas camadas populares, e no dia determinado, grande multidão compareceu ao “prado que estava preparado com cordas e taquaras” (AMARO JUNIOR, 1947, p. 185).

Diante de uma enorme vibração popular, efetuaram-se dois páreos. O primeiro teve três cavalos concorrendo e o segundo, quatro. De acordo com o mesmo autor (1947), o referido evento se constituiu em um legítimo sucesso. Já de acordo com Franco (1998), essa iniciativa não prosperou.

De qualquer forma, Amaro Junior (1947), Rozano e Fonseca (2005) trazem a informação de que tal atitude de Luiz Jacome constituiu um sucesso imediato, criando a ideia que em breve se espalharia por Porto Alegre: o formato de corrida circular/elíptico, o qual substituiu as famosas canchas retas na cidade. A elite passou a preferir as modernas pistas destes formatos, as quais permitiam a participação de vários competidores (BISSÓN, 2008). A tradição dessa elite rural na criação de cavalos foi, possivelmente, um dos fatores que favoreceram a fundação dos primeiros prados em Porto Alegre. Conforme Lucena (2001, p. 21), o turfe no Rio de Janeiro, no final do século XIX, era um desporto que “marcava a supremacia do gosto de uma elite afeita a decisões que demonstrava a força de homens ainda muito ligados à vida rural e com forte característica de um tipo de sociedade patriarcal”. À medida que foram sendo criados os prados, as corridas de *carreiras* começaram a perder espaço na cidade.

Apesar do significativo sucesso, somente cinco anos mais tarde, em 1877, é que foi dada a devida importância ao turfe e, por fim, o primeiro prado foi construído em Porto Alegre: o *Prado Porto-Alegrense* (mais tarde denominado *Boa Vista*) (BENTO, 2002). Não obstante, já na década de 1890, havia quatro prados funcionando simultaneamente na cidade: *Prado Boa Vista*, no Bairro Partenon; *Prado Rio-Grandense* – ou *Menino Deus* – no Bairro Menino Deus; *Prado Navegantes*, no Bairro homônimo, e *Prado Independência* – ou *Moinhos de Vento* – no Bairro Moinhos de Vento. Ao encontro da mesma afirmação, Macedo (1999) ainda nos informa que tais prados encontravam-se a igual distância do centro e à margem das radiais mais importantes, representando importantes núcleos periféricos, candidatos a centro de novos bairros que primitivamente teriam possuído as suas canchas retas. Destarte, provavelmente, a prática das *carreiras em cancha reta* influenciou a criação destes quatro prados na última década do século XIX (PEREIRA, 2008).

No auge do turfe em Porto Alegre, na década de 1890, “o prado era o estádio de futebol do porto-alegrense” (JÁ EDITORES, 1997, p. 103). A presença dos prados, que conviveram juntos por algum tempo,

possibilitou o desenvolvimento do turfe gaúcho, que se transformou num dos principais espetáculos esportivos no início do século XX, em Porto Alegre. A expansão do turfe “praticamente eliminou as carreiras em cancha reta, mesmo porque, estas não poderiam acolher o imenso público atual” (DOIS..., 2004, p. 29). Todavia, os prados foram “um fenômeno transitório e surpreendente na cidade, pois com o novo século os espaços do turfe cederiam seu lugar aos do futebol” (FRANCO, 2000, p. 91). Melo (1999), em seu estudo sobre o turfe e o remo no Rio de Janeiro, afirma que o turfe é um esporte aristocrático e de cunho rural, enquanto o remo encarna a modernidade burguesa. Para o autor, a disputa entre o turfe e o remo pela primazia no espetáculo urbano, no final do século XIX, simboliza, no âmbito do desporto, a transição do patriarcado da oligarquia agrária brasileira para uma sociedade urbana, moderna e europeizada. Os prados também foram cedendo espaço à expansão da cidade, sendo parcelados em loteamentos e ocupados por construções (CARNEIRO; MONTEIRO, 1992).

As *carreiras de cancha reta*, possivelmente, constituem uma prática esportiva equestre capaz de evidenciar um desenvolvimento das corridas de cavalos simultâneo ao paulatino, porém constante processo de modernização da cidade e de sua população. Foi necessária a adaptação aos novos espaços citadinos e ao aumento do público para pistas de um novo formato. Como consequência da urbanização de Porto Alegre, a elite rural afeita às corridas de cavalos, ao frequentar seu lazer favorito, deparou-se com novos hábitos e costumes, mais aristocráticos, embora ainda em consonância com os princípios patriarcais que a caracterizavam. A lógica elitista e aristocrática rural que organizava essa modalidade equestre, conferindo as concepções de respeito e poder à figura masculina e relegando a presença feminina a um plano de conveniência, seguia identificando o contexto das corridas de cavalos (MAZO; PEREIRA; MADURO, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo-se em vista o objetivo da pesquisa, que foi o de identificar como se constituiu a

prática das corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre na segunda metade do século XIX, por meio da análise das informações obtidas através de fontes impressas, puderam-se apresentar algumas considerações.

O cavalo e o gaúcho sempre se associaram. Presente na vida campesina e nos rodeios, o cavalo servia como montaria ou lazer e para puxar charretes. As corridas de cavalo se transformavam nas oportunidades preferenciais de diversão e lazer dos gaúchos, especialmente as denominadas *carreiras de cancha* reta, disputas em pistas retas, sob a medida de quadras, em uma cancha com o solo sem vegetação, ou seja, capinada, com a terra plana e pequenas e estreitas raiais. O hábito das *carreiras*, apresentando um invariável volume de dinheiro envolvido no jogo com as apostas, acabou por transformar-se em uma atividade de negócio.

Na segunda metade do século XIX, Porto Alegre se encontrava em um processo de desenvolvimento urbano e de melhorias urbanas. O advento do progresso deixou marcas no traçado da cidade nessa época. Foi então que as transformações econômicas e estéticas iniciaram a elevação da cidade à condição de metrópole.

De meados do século XIX até a virada para o século XX, no que se refere ao lazer e às diversões ao ar livre, praticamente só havia o antigo costume gaúcho das *carreiras de cancha reta*, o que é condizente com a estrutura rural predominante da cidade. Mesmo com a retomada do desenvolvimento, buscava-se uma maneira de manter essa antiga paixão dos gaúchos: as corridas de cavalos. Sendo assim, muitas disputas ocorriam em trechos de estradas de acesso à cidade, na periferia, em alguma várzea, antes mesmo da inauguração do primeiro prado em Porto Alegre; portanto, as corridas de cavalo estavam presentes na cidade desde tempos muito remotos. Nesse período os gaúchos e, mais especificamente, os porto-alegrenses, estavam acostumados a cavalos rústicos e canchas retas.

Embora já ocorressem *carreiras de canchas retas* na periferia e, algumas vezes, no Campo da Várzea, mais central, as corridas de cavalo com o novo formato surgido com seu

desenvolvimento, só se aproximaram de Porto Alegre em 1872, quando foram realizadas algumas breves exibições também no referido Campo. Com o novo quadro viário da cidade e a transformação dos arraiais/arrabaldes em bairro, foram criadas as condições para o surgimento dos prados, mais ao final do século XIX. Tais prados aprimoravam, com pistas circulares ou elípticas, as antigas *carreiras de cancha reta*.

Isso faz perceber que, com o desenvolvimento das corridas de cavalos e a consequente transição para o turfe, as *carreiras em cancha reta* foram praticamente eliminadas, inclusive pelo fato de elas não poderem acolher o imenso público formado à época.

A elite passou a preferir as modernas pistas destes formatos, as quais permitiam a participação de vários competidores. A tradição dessa elite rural na criação de cavalos foi, possivelmente, um dos fatores que favoreceram a fundação dos primeiros prados em Porto Alegre. À medida que foram sendo criados os prados, as corridas de *carreiras* começaram a perder espaço na cidade.

Apesar do significativo sucesso, somente cinco anos mais tarde, em 1877, é que foi conferida a devida importância ao turfe e, por fim, o primeiro prado foi construído em Porto Alegre: o *Prado Porto-Alegrense*, posteriormente denominado *Boa Vista*. Não obstante, já na década de 1890 havia quatro prados funcionando simultaneamente na cidade. A presença dos prados, que conviveram juntos por algum tempo, possibilitou o desenvolvimento do turfe gaúcho, que se transformou num dos principais espetáculos esportivos no início do século XX, em Porto Alegre.

Neste sentido, as *carreiras de cancha reta*, possivelmente, constituem uma prática esportiva equestre que, em seu processo de desenvolvimento, pode ter constituído os primórdios das corridas de cavalo conhecidas até os dias atuais, o turfe, prática esportiva cujo processo histórico acompanhou constantemente o processo de modernização de Porto Alegre e de sua população.

STRAIGHT LINE HORSE RACES IN PORTO ALEGRE (1852/1877): A SPORTIVE-CULTURAL PRACTICE FROM RIO GRANDE DO SUL**ABSTRACT**

The present study's aim was to identify how the practice of straight line horse races was constituted in the city of Porto Alegre, in the second half of the 19th century. Data was collected in printed sources; such as the catalogue of *Revista do Globo*, records and a remembrance book of Jockey Club do Rio Grande do Sul. The city presented a scenery of urban development in the half of the XIX century. In this context, the maintenance of the old passion of Rio Grande do Sul's people was searched: the horse races. Even before the opening of the first hippodrome, lots of disputes took place in the suburbs of Porto Alegre. As the hippodromes were being created, straight line horse races started losing space in the city. Straight line horse races, possibly, constituted an equestrian sportive practice able to evidence a development of the horse races simultaneous to the slow, but constant, modernization process of the city and its population..

Keywords: Sport. History. Horse races.

REFERÊNCIAS

- AMÁDIO, J. Ao tranquilo no mais. Porto Alegre, n° 413, p. 29-31. In: MAZO, J. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2004.
- AMARO JÚNIOR, J. (Org.). **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1947.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BENTO, T. **Remanescentes do turfe na cidade de Porto Alegre**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde)-Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- BISSÓN, C. **Moinhos de vento**: histórias de um bairro de elite de Porto Alegre. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: IEL, 2008.
- CARNEIRO, L.; MONTEIRO, R. **Porto Alegre**: de aldeia a metrópole. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira e Oficina de História, 1992.
- DOIS séculos de Porto Alegre. Porto Alegre, n° 940, p. 29. In: MAZO, J. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2004.
- DREYS, N. **Notícia descritiva da Província de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.
- FRANCO, S. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.
- FRANCO, S. **Porto Alegre**: guia histórico. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.
- GOLIN, T. **O povo do pampa**: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades. 3. ed. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2004.
- GONÇALVES, R. A. **Mala de garupa**: costumes campeiros. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1999.
- JÁ EDITORES, equipe. **História ilustrada de Porto Alegre**. Projeto enquadrado na Lei Estadual 10.846, de estímulo à produção cultural. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, 1997.
- KILPP, C. **Kriegerverein**: a constituição da Sociedade de Guerreiros e das primeiras associações esportivas de Teutônia/Estrela (1874-1950). 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- LEMO, A.; CARVALHO, E. (Org.). **Álbum d'O Rio Grande do Sul Sportivo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919.
- LUCENA, R. **O esporte na cidade**. Campinas, SP, Autores Associados, 2001.
- MACEDO, F. **História de Porto Alegre**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- MACEDO, F. **Porto Alegre**: história e vida de uma cidade. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1973.
- MAZO, J. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2004.
- MAZO, J. **Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945)**: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. 2003. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Portugal, 2003.
- MAZO, J.; PEREIRA, E.; MADURO, P. Do alto da arquibancada: um olhar sobre a presença feminina no turfe de Porto Alegre (1875/1910). In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 4., 2009, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009.
- MELO, V. A. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados, 2007a.
- MELO, V. A. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n.54, p.127-152, 2007b.
- MELO, V. A. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999.
- MELO, V. A.; MAIA, P. Turfe. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**: atlas of sports in Brazil, atlas of sport, of physical education and physical activities for health and for leisure in Brazil. Rio de Janeiro: Shape, 365, 2006.
- NOAL FILHO, V. FRANCO, S. **Os viajantes olham Porto Alegre**. Porto Alegre: Anatterra, 2004. 2 v.
- NUNES, Z.; NUNES, R. **Minidicionário Guasca**. 4. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, edição, 1994.

PEREIRA, E. **A prática do turfe em Porto Alegre (1875/1910)**: alguns tropeços em meio a um vitorioso galope. Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação–Escola de Educação Física, Ed. da UFRGS, 2008.

PESAVENTO, S. J. (Org.). **História cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ROESSLER, M.; SEBASTIÃO, J. O estado da arte dos esportes equestres no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7., 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002. v.1.

ROZANO, M.; FONSECA, R. (Org.). **História de Porto Alegre**: Jockey Club. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

STAUDT, S. A Porto Alegre do século XIX sob o olhar dos viajantes. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Dossiê: a cidade na crônica. **PPG – LET- UFRGS**, Porto Alegre, v. 3, n.1, p. 1-6, jan./jun. 2007.

Recebido em 08/09/09

Revisado em 06/05/10

Aceito em 24/06/10

Endereço para correspondência: Ester Liberato Pereira. Avenida Bento Gonçalves, 2306/701, Bairro Partenon, CEP 90650-001, Porto Alegre-RS, Brasil. E-mail: ester_lp@yahoo.com.br